

CONTOS DE EDGAR ALLAN POE

# CONVERSAS

ENTRE ESPÍRITOS NO CÉU

ORGANIZAÇÃO

Renato Massaharu Hassunuma

Patrícia Carvalho Garcia-Bonichini

Sandra Heloísa Nunes Messias

canal6 editora

© Renato Massaharu Hassunuma

### Conselho Editorial

BIOMÉDICA ESP. AMANDA CRISTINA MOÇO

*Especialista em Inovações Diagnósticas e Terapêuticas pela Universidade Estadual Paulista “Júlio de Mesquita Filho” – UNESP/Botucatu*

ENF. ESP. FÁBIO APARECIDO DA SILVA

*Especialista em Enfermagem em UTI Neonatal, Ginecologia e Obstetrícia pela Faculdade de São Marcos – FACS*

### Capa e Design

Renato Massaharu Hassunuma

### Créditos das Figuras

*Capa, páginas capitulares e contracapa*

Fonte: Summer Stock. Low-angle photography gray sky [Internet]. 2017 Feb 18 [acesso 08 jan 2026].

Disponível em: <https://www.pexels.com/photo/low-angle-photography-gray-sky-325117/>. Figura registrada como: *Free for use. Royalty-free image.*

Dados Internacionais de Catalogação na Publicação (CIP)  
(BENITEZ Catalogação Ass. Editorial, MS, Brasil)

---

P743c      Poe, Edgar A., 1809-1849  
1.Ed      Contos de Edgar Allan Poe [livro eletrônico] : conversas  
entre espíritos do céu / Edgar A. Poe ; organizadores  
Renato Massaharu Hassunuma, Patrícia Carvalho Garcia-  
Bonichini, Sandra Heloísa Nunes Messias. – 1. ed. – Bauru,  
SP: Canal 6, 2026.  
PDF  
  
ISBN 978-85-7917-706-4  
  
I. Contos norte-americano. I. Hassunuma, Renato  
Massaharu. II. Garcia-Bonichini, Patrícia Carvalho. III.  
Messias, Sandra Heloísa Nunes.

03-2026/50

CDD 813

---

Índice para catálogo sistemático:  
1. Contos : Literatura norte-americana 813

Aline Grazielle Benitez – Bibliotecária – CRB-1/3129

CONTOS DE EDGAR ALLAN POE

# CONVERSAS

ENTRE ESPÍRITOS NO CÉU

ORGANIZAÇÃO

Renato Massaharu Hassunuma

*Professor Titular do Curso de Biomedicina*

*Universidade Paulista - UNIP, Câmpus Bauru*

Patrícia Carvalho Garcia-Bonichini

*Coordenadora Auxiliar do Curso de Biomedicina*

*Universidade Paulista – UNIP*

*Câmpus Bauru*

Sandra Heloísa Nunes Messias

*Coordenadora Geral do Curso de Biomedicina*

*Universidade Paulista – UNIP*

1ª Edição / 2026

Bauru, SP

## **AGRADECIMENTOS**

Agradecemos a *Biomédica Esp. Amanda Cristina Moço e o Enf. Esp. Fábio Aparecido da Silva*, pelas suas valiosas contribuições na revisão da adaptação do conto.

Agradecemos o apoio da **Universidade Paulista – UNIP**, por meio da **Vice-Reitoria de Pós-Graduação e Pesquisa da Universidade Paulista – UNIP** na publicação desta obra.

*Prof. Dr. Renato Massaharu Hassunuma*  
*Patrícia Carvalho Garcia-Bonichini*  
*Sandra Heloísa Nunes Messias*

## APRESENTAÇÃO

**Contos de Edgar Allan Poe: Conversas entre Espíritos no Céu** corresponde a um conjunto de histórias escritas por Edgar A. Poe que narram momentos variados na vida após a morte. São eles, “**Conversa entre Eiros e Charmion**” (1839), “**Diálogo entre Monos e Una**” (1841), “**O poder das palavras**” (1845), **Sombra: uma parábola** (1835) e **Silêncio: uma fábula** (1837). Este é mais um retrato da versatilidade observada nos trabalhos de Edgar A. Poe, considerado o Mestre do Terror.

Esta publicação é uma produção científica do **GP15 – Grupo de Pesquisa em Informática em Saúde**. Para mais informações sobre o GP15, acesse o Diretório dos Grupos de Pesquisa no Brasil Lattes/CNPq, disponível no *link*: <http://dgp.cnpq.br/dgp/espelhogrupo/5285181734512763>.

Esta obra teve o apoio da **Vice-Reitoria de Pós-Graduação e Pesquisa da Universidade Paulista – UNIP**, sendo parte das atividades desenvolvidas no Projeto Individual de Pesquisa para Docentes intitulado “**A exumação de Edgar Allan Poe: encerrando um estudo de 7 anos com 13 publicações científicas sobre temas da área da saúde abordados em seus contos**”, de autoria do Prof. Dr. Renato Massaharu Hassunuma.

Uma boa leitura!

*Prof. Dr. Renato Massaharu Hassunuma  
Patrícia Carvalho Garcia-Bonichini  
Sandra Heloísa Nunes Messias*

## SUMÁRIO

|                                              |    |
|----------------------------------------------|----|
| Conversa entre Eiros e Charmion (1839) ..... | 07 |
| Diálogo entre Monos e Una” (1841) .....      | 14 |
| O poder das palavras” (1845) .....           | 25 |
| Sombra: uma parábola (1835) .....            | 31 |
| Silêncio: uma fábula (1837) .....            | 35 |

# CONVERSA ENTRE EROS E CHARMION



## CONVERSA ENTRE EIROS E CHARMION

EIROS            Por que você me chama de Eiros?

CHARMION    Porque este será seu nome a partir de agora. Quanto a mim, me chame de Charmion.

EIROS            Isso não é um sonho!

CHARMION    Os sonhos não existem mais para nós. Mas depois falaremos mais sobre isso. Fico contente em ver que está melhor. Tenha coragem e não tema. Amanhã, eu mesmo apresentarei a você às maravilhas de sua nova existência. Seus dias de tristeza chegaram ao fim.

EIROS            É verdade! Eu não sinto nenhum cansaço. Nenhum mesmo. A doença e a escuridão me deixaram. Não ouço mais aquele som horrível. No entanto, meus sentidos estão aflorados, Charmion.

CHARMION Isso vai passar logo. Compreendo o que sente. Já faz dez anos desde que passei pelo mesmo que você. Contudo, a lembrança ainda me acompanha. Você sofreu sua última dor, antes de chegar ao Éden.

EIROS Éden?

CHARMION Éden.

EIROS Deus! Tenha piedade de mim! Charmion! Estou tão ansioso! O que irá acontecer agora e no futuro?

CHARMION Não se preocupe. Amanhã falaremos disso. Acalme sua mente. Não olhe ao redor, nem para frente, mas para trás. Estou curioso para ouvir como chegou aqui. Conte-me. Vamos conversar sobre coisas familiares.

EIROS Eu tenho medo! Muito mesmo! E isto não é um sonho.

CHARMION Os sonhos acabaram. Mas me diga, sentiram minha falta depois que morri?

EIROS Sim. Muita. Até aquela última hora, havia uma nuvem de melancolia e tristeza sobre sua casa.

CHARMION Me fale sobre essa esta última hora. Além da própria catástrofe, eu nada sei. Quando saí do meio da humanidade, passei para a noite em uma sepultura.

EIROS Não preciso dizer, meu amigo, que quando você nos deixou, os homens concordavam em tentar entender aquelas passagens das escrituras sagradas que falam da destruição final de todas as coisas pelo fogo, como referentes apenas ao que ocorre na Terra.

## EIROS

Há muito tempo, o homem foi considerado uma criatura errante, uma criação frágil e incapaz de causar danos. Mas, nos últimos tempos, maravilhas e fantasias têm sido estranhamente comuns na humanidade. Embora apenas entre alguns ignorantes exista a compreensão da realidade, após o anúncio dos astrônomos sobre um novo cometa, esse foi geralmente recebido com um tipo de agitação e desconfiança.

Astrônomos concordaram de imediato que sua trajetória teria uma proximidade muito grande com a Terra. Havia dois ou três astrônomos, menos conhecidos, que afirmavam que uma colisão seria inevitável. Não consigo explicar adequadamente o efeito dessa informação sobre as pessoas. Por alguns breves dias, elas não acreditaram na notícia.

Finalmente, todos perceberam que astrônomos não mentiam e aguardaram o cometa. Sua aparência era de um vermelho opaco e tinha um rastro pouco perceptível. Durante sete ou oito dias, não observamos nenhum aumento significativo em seu diâmetro, apenas uma pequena mudança em sua cor. Entretanto, os assuntos cotidianos foram deixados de lado e só se falava sobre o cometa. Até mesmo os mais ignorantes começaram a se preocupar. Os eruditos dedicavam seu intelecto em busca de pontos de vista corretos.

A ideia de que uma colisão causaria danos materiais ao nosso planeta ou aos seus habitantes era uma opinião que perdia espaço a cada hora entre os sábios. Os sábios governavam livremente a razão e a imaginação da multidão.

## EIROS

Descobriram que a densidade do núcleo do cometa era muito menor que a de um gás mais rarefeito. Isso ajudou a diminuir o medo das pessoas. Os teólogos, aflitos, se apegaram às profecias bíblicas e expuseram-nas ao povo com uma franqueza e simplicidade nunca antes vistas. Eles defendiam com convicção a hipótese de que destruição final da Terra seria causada pelo fogo.

O fato de os cometas não serem de natureza ígnea era uma verdade que aliviava todos. Era como se a razão tivesse destronado a superstição. Até a pessoa de intelecto mais fraco tinha um interesse excessivo pelo assunto. Discutia-se sobre quais males poderiam surgir a partir da colisão do cometa.

Cientistas falavam de perturbações geológicas, de prováveis alterações climáticas, influências magnéticas e elétricas. Muitos afirmavam que nenhum efeito visível ou perceptível seria produzido. Enquanto tais discussões prosseguiam, o cometa se aproximava gradualmente, crescendo em tamanho e em brilho.

A humanidade empalidecia à medida que se aproximava. Todas as atividades humanas foram suspensas. Enfim, o cometa atingiu um tamanho que ultrapassou o de qualquer outro previamente avistado. O povo, agora, descartou qualquer esperança de que os astrônomos estivessem errados. Até os corações mais valentes batiam violentamente em seus peitos. Não víamos o cometa como um fenômeno astronômico nos céus, mas como um mal em nossos corações ou uma sombra em nossos cérebros.

EIROS

O cometa apresentava-se como um gigantesco manto de chamas, estendendo-se de horizonte a horizonte.

Mais um dia se passou, era evidente que já estávamos sob a influência do cometa. Contudo, vivíamos. A extrema fragilidade do cometa era aparente, pois todas as estrelas eram claramente visíveis através dele. Enquanto isso, nossa vegetação havia mudado visivelmente. Uma folhagem selvagem e exuberante, totalmente desconhecida, apareceu por toda parte.

Mais um dia se passou e o mal ainda não havia se abatido completamente sobre nós. Era evidente que seu núcleo nos atingiria primeiro. Uma mudança drástica ocorreu com todos os homens. Houve uma primeira sensação de dor que causou horror generalizado. Ela se manifestou como um forte aperto no peito e nos pulmões e uma secura insuportável da pele. Nossa atmosfera havia sido radicalmente afetada. As possíveis modificações da atmosfera eram temas de discussão.

As investigações causaram um verdadeiro terror. Já se sabia há muito tempo que o ar que nos rodeava era um composto de gases como oxigênio e nitrogênio. O oxigênio, que era o princípio da combustão e o veículo do calor, era absolutamente necessário para a manutenção da vida animal e era o agente mais poderoso e energético da natureza. Por outro lado, o nitrogênio era incapaz de sustentar a vida animal ou a chama. Qual seria então o resultado de uma extração total do nitrogênio? Uma combustão inevitável, devoradora, onipresente e imediata.

EIROS

Este seria o cumprimento completo das denúncias ardentes e aterradoras das profecias do Livro Sagrado.

Houve um frenesi desenfreado da humanidade. Aquela fragilidade no cometa era agora uma fonte de desespero. Seu caráter gasoso determinou a consumação de todo nosso destino.

Enquanto isso, mais um dia se passou, levando consigo a última sombra da Esperança. Ofegamos com a rápida modificação do ar. O sangue vermelho corria tumultuosamente. Os homens deliravam furiosamente. Com os braços estendidos em direção aos céus, eles gritavam alto. Mas a destruição já estava agora sobre nós.

Mesmo aqui no Éden, estremeço enquanto falo. Deixe-me ser breve. Breve como a ruína que nos destruiu. Por um instante, houve apenas uma luz, levando todas as coisas. Então, ajoelhemos Charmion, diante da majestade do grande Deus! Pois naquele breve momento, ouviu-se um grito e um som penetrante, como se viesse da própria boca Dele, enquanto toda atmosfera era tomada por uma espécie de chama intensa, de brilho e calor incomparáveis, que nunca foi jamais visto, nem mesmo por anjos celestes.

E foi assim que tudo terminou.

FIM

# DIÁLOGO ENTRE MONOS E UNA



## DIÁLOGO ENTRE MONOS E UNA

UNA                Renascida?

MONOS           Sim, a bela e amada Una, renascida. Um nome que eu evitei por tanto tempo, até que a própria Morte me revelou o segredo.

UNA                Morte!

MONOS           Como é estranho, doce Una, você repetir minhas palavras! Observo também seus passos hesitantes e seus olhos inquietos. Você está confusa e amedrontada com a majestosa novidade da Vida Eterna. Sim, era da Morte que eu falava. Como soa diferente esta palavra que antes aterrorizava os nossos corações!

UNA Ah, a Morte! Um espectro que se esbaldava em todas as festas! Quantas vezes, Monos, nos perdemos em conversas sobre ela! Quão misteriosamente ela agia como um freio à felicidade humana! O temor daquela hora nefasta que crescia em nossos corações! Aquela que se apressava em nos separar para sempre! Assim, com o tempo, amar tornou-se doloroso. O ódio teria sido misericórdia.

MONOS Esqueça essas mágoas, querida Una! Você é minha agora!

UNA Mas a lembrança da tristeza passada ainda não está presente em você? Ainda tenho muito a dizer sobre as coisas que já se foram. Acima de tudo, anseio conhecer os acontecimentos da sua própria passagem pelo Vale Escuro e Sombra.

MONOS Quando foi que não atendi a um pedido seu? Irei contar a você tudo minuciosamente. Mas em que ponto posso começar essa estranha narrativa?

UNA Em que momento?

MONOS Sim.

UNA Hum... eu entendo. Na Morte, observamos a propensão do homem de tentar definir o indefinível. Então, não direi para começarmos com o momento do final de sua vida, mas sim por aquele triste instante em que a febre te abandonou, quando você mergulhou num torpor imóvel, e eu pressionei suas pálpebras pálidas com os dedos.

## MONOS

Primeiramente, minha Una, deixe-me explicar algumas coisas antes. Você deve se lembrar que um ou dois dos mais sábios entre nossos ancestrais (mas que não eram sábios aos olhos do mundo) ousaram duvidar da adequação do termo “aprimoramento”, aplicado ao progresso de nossa civilização.

A cada cinco ou seis séculos, antes do fim do mundo, surgia algum sábio que defendia a verdade que agora nos parece tão óbvia. De tempos em tempos, surgiram algumas mentes brilhantes, que encaravam cada avanço na ciência prática como um retrocesso em sua verdadeira utilidade.

Ocasionalmente, o intelecto poético, aquele que agora consideramos o mais sublime de todos, refletia sobre a parábola mística. Aquela que fala da árvore do conhecimento e de seu fruto proibido. Fruto este que produz a morte, uma clara indicação de que o conhecimento não era adequado para o homem em toda sua condição de alma infantil.

E esses homens, os poetas, vivem e perecem em meio ao desprezo dos “utilitaristas”. Esses homens, os poetas, refletiam sobre os tempos antigos em que nossas necessidades não eram mais simples do que nossos prazeres.

Eram tempos em que a alegria era uma palavra desconhecida. Eram tempos santos e felizes, quando rios azuis corriam sem represas, entre colinas intocadas, em direção a solidões florestais distantes e inexploradas.

MONOS

Contudo, havíamos chegado ao dia mais perverso de todos. O grande “movimento” (um termo bastante pomposo) prosseguia. A Arte ascendeu de forma suprema e lançou correntes sobre o intelecto daqueles que elevaram seu poder.

O homem, por não poder deixar de reconhecer a majestade da Natureza, perdeu seu domínio. Mesmo enquanto seguia um Deus, em sua própria fantasia, foi tomado por imbecilidade. Pela origem de sua desordem, poderia supor que ele foi infectado pelo sistema.

Entre outras ideias estranhas, as da igualdade universal ganharam terreno. Foram feitas tentativas desesperadas de instaurar uma democracia onipresente. Contudo, o mal brotava necessariamente do mal primordial, o Conhecimento.

O homem conhecia e sucumbia ao mesmo tempo. Enquanto isso, inúmeras cidades enormes surgiam. A vegetação murchava diante do hálito quente das fornalhas. A bela face da Natureza era deformada pelos estragos de alguma doença repugnante. Agora parece que havíamos instigado nossa própria destruição ao negligenciar cegamente nossas escolas.

Mas não foi possível mudar nada. A maior parte da humanidade não viu isso ou fingiu não ver. Mas, para mim, os acontecimentos da Terra me ensinaram a esperar a ruína como o preço de uma civilização mais avançada. Para um mundo infectado, eu não esperava mais nenhuma regeneração, apenas a morte.

MONOS        Para que o homem, como raça, não se extinguísse, eu via que ele deveria "renascer". E agora, nossas almas se ocupam diariamente em sonhos. Agora, ao crepúsculo, conversávamos sobre os dias vindouros, quando a superfície da Terra seria revestida novamente pelo verde nas encostas das montanhas e das águas sorridentes do Paraíso; e se tornaria novamente uma morada adequada para o homem. Para o homem purificado da Morte e cujo intelecto agora exaltado não teria mais o veneno do conhecimento. Para o homem redimido, regenerado e agora imortal, mas ainda o homem material.

UNA            Eu me lembro dessas conversas, querido Monos. Mas a época da ruína não estava tão próxima quanto acreditávamos. A corrupção que você indicava certamente nos levava a crer. Os homens viviam e morriam individualmente. Você mesmo adoeceu e foi para a sepultura; e foi para lá que rapidamente o segui. Um século se passou desde que nossos sentidos foram adormecidos, meu Monos.

MONOS        Sem dúvida, foi enquanto a Terra envelhecia que eu morri. Cansado de angústias que tinham origem na turbulência e decadência geral, sucumbi. Após alguns dias de dor, acometeu-me um torpor sem fôlego e imóvel; e isso foi chamado de morte por aqueles que estavam ao meu redor. Mas as palavras são vagas. Meu estado não me privou da consciência. Pareceu-me não muito diferente da extrema quietude daquele que dormiu profundamente em pleno meio-dia de verão; e que começa a retornar lentamente à consciência.

MONOS

Eu não respirava mais. As pulsações cessaram. O coração parou de bater. A vontade não havia desaparecido, mas era impotente. Os sentidos estavam incomumente ativos, embora de forma excêntrica — assumindo, muitas vezes, as funções uns dos outros aleatoriamente.

O paladar e o olfato eram confundidos, tornando-se uma única sensação, anormal e intensa. A ternura da água de rosas umedeceu meus lábios até o fim, me afetou com doces fantasias de flores fantásticas, muito mais belas do que qualquer uma da velha Terra.

As pálpebras, transparentes e sem sangue, não ofereciam nenhum impedimento completo à visão. Os globos oculares não podiam rolar em suas órbitas, mas todos os objetos dentro do alcance do hemisfério visual eram vistos com maior ou menor nitidez. Eu observava os raios como um som doce ou dissonante, conforme as coisas que observava fossem claras ou escuras em sua tonalidade, e curvas ou angulares em seu contorno.

A audição percebia sons reais com extrema precisão. O tato havia sofrido uma modificação ainda mais peculiar. As sensações eram recebidas tardiamente, mas retidas com persistência, resultando no mais alto prazer físico. Assim, a pressão de seus dedos delicados sobre minhas pálpebras preencheu todo o meu ser com um deleite sensual imensurável. Minhas percepções eram puramente sensuais. Havia pouca dor e muito prazer. Assim, os soluços eram apreciados em cada variação de tom triste.

MONOS

Mas eram sons musicais suaves e nada mais. Não transmitiam nenhuma indicação das mágoas que os originaram. As grandes e constantes lágrimas que caíam sobre meu rosto, contavam aos presentes sobre um coração partido. E esta era, na verdade, a Morte da qual falavam em sussurros baixos.

Três ou quatro pessoas me vestiram apressadamente para o caixão. Quando cruzavam o meu campo de visão, eu os via como formas. Mas ao passarem ao meu lado, suas imagens me impressionavam com a ideia de gritos, gemidos e outras expressões sombrias de terror, horror ou aflição.

Só você, vestida com uma túnica branca, passava musicalmente ao meu redor em todas as direções. O dia acabou e à medida que o sol se punha, senti uma vaga inquietação. Uma sensação de ansiedade, como a de uma pessoa que dorme e escuta sons tristes que ressoam continuamente em seus ouvidos.

A noite chegou e com suas sombras veio um desconforto enorme. Havia um som de lamento, que aumentava de intensidade com a escuridão. De repente, luzes foram acesas no quarto, enquanto uma melodia monótona fluía ininterruptamente para meus ouvidos. E quando você, querida Una, se sentou delicadamente na cama ao meu lado, eu senti o perfume de seus doces lábios que pressionavam minha testa.

Esse sentimento parecia mais uma sombra do que uma realidade. Logo se dissipou, primeiro em quietude e depois em um prazer puramente sensual como antes.

MONOS

E agora, em meio ao caos dos sentidos habituais, parecia ter surgido em mim um sexto sentido, totalmente perfeito, que me ofereceu um deleite ainda físico. O movimento do meu corpo havia cessado por completo. Nenhum músculo contraía, nenhum nervo sentia, nenhuma artéria pulsava.

Mas havia brotado no cérebro algo que nenhuma palavra poderia expressar. Permitam-me chamá-lo de pulsação pendular mental. Era a percepção do tempo. Com sua ajuda, medi as irregularidades do relógio na lareira e dos relógios de pulso dos criados. Seus tiques chegavam sonoramente aos meus ouvidos. Conseguia sentir a mínima falta de sincronia. Esse sentimento foi o primeiro passo da alma atemporal no limiar da Eternidade temporal.

Era meia-noite e você ainda estava sentada ao meu lado. Todos os outros haviam partido. Fui colocado no caixão. Eu percebia as luzes ardendo pela trepidação de suas melodias monótonas. Mas, de repente, essas melodias diminuíram em nitidez e volume. E finalmente, cessaram. O perfume em minhas narinas se dissipou. Minha visão não percebia mais as formas. A opressão da Escuridão se dissipou do meu peito. Um choque surdo permeou meu corpo, seguido pela perda total da noção de contato.

Tudo o que o homem chama de sentido fundiu-se na única consciência. Contudo, nem toda a sensibilidade havia desaparecido. Eu percebia vagamente que você estava sentada ao meu lado.

MONOS

Assim, quando chegou o meio-dia do segundo dia, eu não estava inconsciente dos movimentos que a afastaram de mim. Percebia os movimentos que me confinaram dentro do caixão, que me depositaram no carro funerário, que me levaram à sepultura. Também percebia os movimentos que me baixaram nela, que acumularam pesadamente a terra sobre mim e, assim, me deixaram na escuridão, para o meu triste e solene sono com as larvas.

E ali, naquela prisão, com poucos segredos a revelar, passavam-se dias, semanas e meses, e a alma observava atentamente cada segundo enquanto voava, sem esforço e sem objetivo.

Enquanto isso, as larvas, com seus movimentos convulsivos, contorciam-se ao meu redor, sem me torturar e sem ser notado. Um ano se passou. A consciência do ser tornara-se, a cada hora, mais indistinta.

O estreito espaço que circundava o que fora o corpo, agora se tornava o próprio corpo. Por fim, veio aquela luz que sozinha poderia ter o poder de despertar: a luz do Amor eterno.

Homens trabalhavam na sepultura onde eu jazia na escuridão. Remexeram a terra úmida. Sobre meus ossos em decomposição, descia o caixão de Una. E agora, novamente, tudo era vazio. Aquela luz nebulosa se extinguiu. Surgiu um brilho. O pó retornara ao pó. As larvas não tinham mais alimento. A sensação de ser finalmente desaparecera por completo.

MONOS

O corpo já não tinha forma, pensamento, consciência ou alma A matéria não fazia mais parte e agora era o nada. Mas ainda assim, a sepultura ainda era um lar e as horas eram companheiras.

FIM

# O PODER DAS PALAVRAS



## O PODER DAS PALAVRAS

- OINOS            Me perdoe, Agathos, pela fraqueza do meu espírito que acaba de descobrir a imortalidade!
- AGATHOS        Não disse nada que mereça perdão, Oinos. Até aqui, o conhecimento também é intuitivo. Devemos orar por sabedoria para os anjos, e eles nos concederão!
- OINOS            Mas nesta existência, sonhei que seria consciente de todas as coisas e, portanto, feliz por ser consciente de todas elas.
- AGATHOS        Ah, mas a felicidade não está no conhecimento, mas na aquisição do conhecimento! Somos eternamente abençoados por poder saber para sempre. Mas saber tudo seria uma maldição.

OINOS            Mas o Altíssimo não sabe tudo?

AGATHOS        Uma vez que Ele é o mais feliz, isso deve ser a única coisa desconhecida até mesmo para Ele.

OINOS            Mas, já que nosso conhecimento aumenta a cada hora, não deveríamos conhecer todas as coisas?

AGATHOS        Olhe para as distâncias abissais! Olhe para as paisagens estelares!

OINOS            Percebo claramente que a infinitude da matéria não é um sonho.

AGATHOS        Não há sonhos em Éden. Aqui dizemos que a infinidade de matéria tem como único propósito fornecer fontes infinitas, para que a alma nunca possa saciar a sede de conhecimento. Saciar a alma seria acabar com ela. Assim, pode fazer quantas perguntas quiser então, livremente e sem medo. Agora vamos partir em direção aos prados estrelados além de Órion, onde repousam os três sóis de três cores.

OINOS            Enquanto seguimos, me explique uma coisa. Não entendi o que você insinuou agora sobre aquilo que, durante a mortalidade, chamávamos de Criação. Você quer dizer que Deus não é o Criador?

AGATHOS        Quero dizer que a Divindade não cria.

OINOS            Como assim? O que quer dizer?

- AGATHOS No princípio, Ele criou. Mas as novas criaturas que agora surgem perpetuamente por todo o universo só podem ser consideradas resultados indiretos, e não diretos do poder criador Divino.
- OINOS Agathos, essa ideia seria considerada extremamente herética pelos homens.
- AGATHOS Oinos, mas entre os anjos, isso é simplesmente a verdade.
- OINOS Entendo que certas ações daquilo que chamamos de Natureza ou leis naturais darão origem àquilo que tem a aparência de criação. Pouco antes da destruição final da Terra, houve, como bem me lembro, muitos experimentos bem-sucedidos na criação de microrganismos.
- AGATHOS Os casos de que você fala foram, na verdade, exemplos da criação secundária e da única espécie de criação que já existiu, desde que foi proferida a primeira palavra da primeira lei.
- OINOS Mas os mundos estelares, que irrompem a cada hora nos céus, não são obra direta do Rei?
- AGATHOS Vou tentar explicar melhor. Você sabe que, assim como nenhum pensamento pode acabar, nenhum ato ocorre sem consequências infinitas. Por exemplo, quando movíamos nossas mãos na Terra, nós impulsionávamos a atmosfera que a envolvia. Essa vibração se estendia indefinidamente, até que cada partícula do ar terrestre fosse impulsionada a partir dali e para sempre.

- AGATHOS Os matemáticos do nosso planeta bem conheciam esse fato. Eles perceberam que os resultados de qualquer impulso dado eram absolutamente infinitos e que uma parte desses resultados podia ser rastreada com precisão por meio de cálculos. Perceberam também que não havia limites para seu avanço e aplicabilidade. Mas, neste ponto, nossos matemáticos pararam.
- OINOS Eles deveriam ter prosseguido?
- AGATHOS Para aquele que compreendesse o cálculo, não haveria dificuldade em rastrear cada impulso dado ao ar em qualquer época de tempo, mesmo infinitamente remota, caso lhe fosse apresentado um determinado resultado. Por exemplo, poderia determinar a qual impulso original teria criado uma nebulosa. Esse poder de retrogradação em sua plenitude e perfeição absolutas é, naturalmente, uma prerrogativa exclusiva da Divindade.
- OINOS Mas isso valeria apenas para os impulsos no ar.
- AGATHOS Ao falar do ar, referi-me apenas à Terra.
- OINOS Então, qualquer movimento, de qualquer natureza, é capaz de criar.
- AGATHOS Deve ser assim: uma verdadeira filosofia há muito ensina que a fonte de todo movimento é o pensamento; e a fonte de todo pensamento é...
- OINOS Deus.

AGATHOS      Falei contigo, Oinos, como a um filho da bela Terra que recentemente pereceu sobre os impulsos na atmosfera da Terra.

OINOS          Entendi.

AGATHOS      E enquanto eu explicava, não lhe passou pela cabeça pensar no poder físico das palavras? Cada palavra dita não causa um impulso no ar?

OINOS          Mas por que começou a chorar? E por que suas asas se curvam enquanto pairamos sobre esta bela estrela? Veja, nesta estrela, as flores brilhantes que parecem vindos de um sonho e seus vulcões que parecem muito turbulentos.

AGATHOS      Não apenas parecem! Eles são! Já se passaram três séculos desde que, de mãos dadas e com os olhos marejados, eu trouxe criei esta estrela com algumas frases apaixonadas! Suas flores brilhantes são sonhos que jamais foram realizados e seus vulcões furiosos são as paixões do meu coração profano.

FIM

# SOMBRA: UMA PARÁBOLA



# SOMBRA: UMA PARÁBOLA

Você, leitor, ainda está entre os vivos. Mas quando estiver lendo o que escrevo, já terei ido para as sombras. Coisas estranhas acontecerão e coisas secretas serão conhecidas. Muitos séculos se passarão antes que essas memórias sejam vistas pelos homens. Quando forem vistas, alguns não irão acreditar, enquanto outros irão duvidar. Mas, ainda assim, alguns irão refletir sobre o que está escrito aqui.

Este foi um ano de muito terror. Houve muitos sinais. As asas negras da peste se espalharam por toda parte... tanto no mar quanto na terra.

Eu sou um grego chamado Oinos. No ano setecentos e noventa e quatro, na entrada de Áries, o planeta Júpiter estava unido ao anel vermelho do terrível Saturno. O estranho espírito dos Céus manifestou-se não apenas no ambiente físico da Terra, mas também nas almas e na imaginação de toda humanidade.

Estávamos em uma cidade escura chamada Ptolemais. Éramos um grupo de sete pessoas. Sentávamos à noite, em um salão, enquanto bebíamos vinho. O salão tinha apenas uma alta porta de latão, feita pelo artesão Corinnos, que foi fechada por dentro. As janelas do quarto sombrio eram fechadas por cortinas escuras que impediam a nossa vista da lua, das estrelas e das ruas vazias.

Mas aquelas cortinas não poderiam evitar o presságio do Mal. Havia coisas ao nosso redor que não posso relatar claramente. Coisas materiais e espirituais. O peso na atmosfera, a sensação de sufocamento, a ansiedade e, acima de tudo, aquele terrível estado de existência.

Enquanto isso, os pensamentos permanecem adormecidos. Um peso morto pesava sobre nós. Algo pendia em nossos membros, nos móveis, nos cálices de onde bebíamos. Todas as coisas estavam deprimidas. Exceto as chamas das sete lâmpadas que iluminavam nossa festa. Elas se erguiam em linhas altas e esguias de luz. Permaneciam ardendo pálidas e imóveis. No espelho, seu brilho formava uma sobre a mesa redonda de ébano à qual estávamos sentados. Cada um de nós contemplava a palidez de seu próprio rosto e o olhar inquieto nos olhos de seus companheiros.

Ainda assim, rimos e fomos alegres do nosso jeito certo. Era hilário. Cantávamos as loucas canções de Anacreonte. Bebíamos muito, embora o vinho roxo nos lembrasse sangue.

Mas havia mais um inquilino em nosso aposento. Era o jovem Zoilus. Ele já estava morto há muito tempo. Estava deitado e envolto em uma mortalha. Era o gênio e o demônio da cena. Ele não fazia parte de nossa alegria. Seu semblante, distorcido pela peste, e seus olhos pareciam se interessar pela nossa alegria. Eu tinha a sensação que os olhos do falecido estavam voltados para mim. Ainda assim, tentava não reparar na amargura de sua expressão.

Olhava firmemente para as profundezas do espelho. Cantava com voz alta as canções do filho de Teios. Mas gradualmente as canções cessaram. Seus ecos, batendo distantes entre as cortinas negras do salão, ficaram fracos e indistinguíveis. Até que desapareceram.

Eis que, entre aquelas cortinas negras, surgiu uma sombra escura e indefinida. Uma sombra como a lua, quando baixa no céu. Era a figura de um homem. Mas não era a sombra de um homem, nem de Deus, nem de algo familiar. Não era a sombra de um Deus da Grécia, nem Deus da Caldeia, nem de qualquer Deus egípcio. Ela era vaga, sem forma, indefinida.

A sombra repousava sob o arco da porta de bronze. Ela não se movia, nem dizia uma palavra. Apenas ficava parada, pousando aos pés do jovem Zoilus envolto.

Nós sete, ali reunidos, baixamos os olhos e encaramos as profundezas do espelho. Finalmente eu, Oinos, exigi que a sombra dissesse seu nome e de onde vinha. Enfim, a sombra respondeu:

– Eu sou a sombra. Minha morada fica próxima às Catacumbas de Ptolemais, junto às margens do imundo canal de Carónia.

E então nós sete levantamos horrorizados. Ficamos tremendo e horrorizados, pois os tons na voz da sombra não eram os de um único ser, mas de uma multidão de seres. Observando as cadências daquela voz, sílaba por sílaba, percebemos que eram os sotaques eram familiares, pois vinham de muitos milhares de amigos falecidos.

FIM

# SILÊNCIO: UMA FÁBULA



## SILÊNCIO: UMA FÁBULA

Então, o demônio me disse, enquanto repousava sua mão sobre minha cabeça:

Há um lugar nesta terra amaldiçoada que você nunca viu. Caso tenha visto, deve ter sido em um de seus sonhos. O lugar é uma área desolada na Líbia, às margens do rio Zaire. Lá não há tranquilidade, nem silêncio. Lá, as águas do rio têm uma tonalidade amarelada e doentia; e não fluem para o mar, mas palpitam para sempre sob o sol com um movimento tumultuoso e convulsivo.

De cada lado do leito lamacento do rio, existe um deserto de plantas aquáticas pálidas e gigantescas. Elas se estendem por quilômetros, com seus longos pescoços fantasmagóricos em direção ao céu. Elas se movimentam para lá e para cá. E há um murmúrio que vem dentre eles, como o som das águas subterrâneas.

Os limites desse lugar são formados por uma floresta escura, horrível e imponente. Lá, a vegetação rasteira se agita continuamente. Velhas árvores bastante altas balançam eternamente para lá e para cá com um som estrondoso e poderoso. De seus altos cumes caem orvalhos eternos. Nas raízes, estranhas flores venenosas se contorcem em um sono perturbado. Acima, com um farfalhar e um ruído alto, as nuvens cinzentas correm para oeste para sempre, até rolarem, como uma catarata sob o horizonte. Mas não há vento, nem silêncio.

Era noite e chovia. As gotas que caíam eram de chuva, mas após caírem eram de sangue. Eu estava no pântano entre os lírios, que suspiravam desolados uns para os outros. De repente, a lua surgiu por trás de uma fina névoa fantasmagórica carmesim. Meus olhos pousaram sobre uma enorme rocha que ficava junto à margem do rio, e que era iluminada pela luz da lua. A rocha era cinzenta, assustadora e alta. Na parte da frente da rocha havia caracteres gravados.

Caminhei pelo pântano de lírios-d'água até chegar perto da margem do rio, para que eu pudesse ler os caracteres na pedra. Mas eu não consegui decifrar o que estava escrito. Então, voltei para o pântano. Enquanto a lua brilhava com uma cor vermelha mais intensa, eu me virava e olhava novamente para a rocha. Então percebi que os caracteres formavam a palavra “desolação”.

Olhei para cima, havia um homem no cume da rocha. Me escondi entre as plantas para observar seus movimentos. O homem era alto e imponente. Estava envolto dos ombros aos pés em uma toga romana antiga. Seus traços eram os de uma divindade. O manto da noite, da névoa, da lua e do orvalho haviam deixado seu rosto descoberto. Sua testa estava ativa e seus olhos expressavam preocupação. Nas poucas rugas em sua face, vi tristeza, cansaço, desgosto pela humanidade e anseio pela solidão. A lua brilhava sobre seu rosto e sobre seus traços. Eles eram mais belos que os sonhos das almas das filhas de Delos!

Então, o homem sentou-se sobre a rocha e apoiou a cabeça em sua mão. Contemplava a desolação. Olhava para baixo, vendo para os arbustos baixos e inquietos. Olhava para cima, observando o alto daquelas árvores já antigas. Via o céu sussurrante e a lua carmesim.

Eu me deitei perto, protegido pelos lírios, observando os movimentos do homem. Ele tremia na solidão. Mas a noite passou, enquanto ele permanecia sentado sobre a rocha. Então, foi quando desviou sua atenção do céu e contemplou o sombrio rio Zaire com suas águas amareladas e assombrosas. Muitas plantas pálidas flutuavam levemente, enquanto suspiravam e murmuravam.

Eu o observava. Ele tremia na solidão. Enquanto a noite declinava, ele permanecia sentado sobre a rocha. Então desci até o rio e caminhei entre as plantas aquáticas. Chamei os hipopótamos que habitavam naquele lugar. Eles ouviram o meu chamado e vieram. Rugiram alto e terrivelmente sob a lua.

Uma tempestade terrível se formou no céu. Gotas pesadas de uma chuva forte batiam na cabeça do homem. O rio se transformou em mar de espuma e as plantas aquáticas gritavam em seu leito. A floresta desmoronou diante do vento. O trovão berrou e o relâmpago caiu. A rocha tremeu. Eu permaneci junto ao meu abrigo, ainda a observar o homem.

Enfurecido, amaldiçoei o silêncio, o rio, os lírios, o vento, a floresta, o céu, o trovão e os suspiros das plantas aquáticas. Eles se tornaram amaldiçoados e ficaram imóveis. A lua parou de cambalear em sua trajetória pelo céu. O trovão se extinguiu. O relâmpago não brilhou. As nuvens permaneceram imóveis. As águas baixaram até seu nível e permaneceram assim. As árvores pararam de balançar. E as plantas aquáticas não suspiraram nem murmuravam mais. Não havia qualquer som por todo o vasto deserto. Olhei para o homem e vi que seu semblante estava pálido de terror.

Apressadamente, ele ergueu a mão à cabeça e se posicionou sobre a rocha, tentando escutar o som que vinha dela. Mas não se ouvia nenhum som por todo o vasto e ilimitado deserto. Os caracteres na rocha eram “silêncio”. O homem estremeceu, virou o rosto e fugiu para longe. Eu nunca mais o vi.

Existem várias outras belas histórias, mas, por Deus, aquela fábula que o Demônio me contou enquanto estava sentado ao meu lado na sombra do túmulo, considero a mais maravilhosa de todas! E quando o Demônio terminou sua história, ele desceu para dentro do túmulo e riu. Eu não pude rir com o Demônio e, por isso, ele me amaldiçoou. Então, um lince saiu de dentro do túmulo. Ele se deitou-se aos pés do Demônio e olhou-o fixamente em seu rosto.

FIM

**Contos de Edgar Allan Poe: Conversas entre Espíritos no Céu** corresponde a um conjunto de histórias escritas por Edgar A. Poe que narram momentos variados na vida após a morte. São eles, **“Conversa entre Eiros e Charmion”** (1839), **“Diálogo entre Monos e Una”** (1841), **“O poder das palavras”** (1845), **Sombra: uma parábola** (1835) e **Silêncio: uma fábula** (1837). Este é mais um retrato da versatilidade observada nos trabalhos de Edgar A. Poe, considerado o Mestre do Terror.

